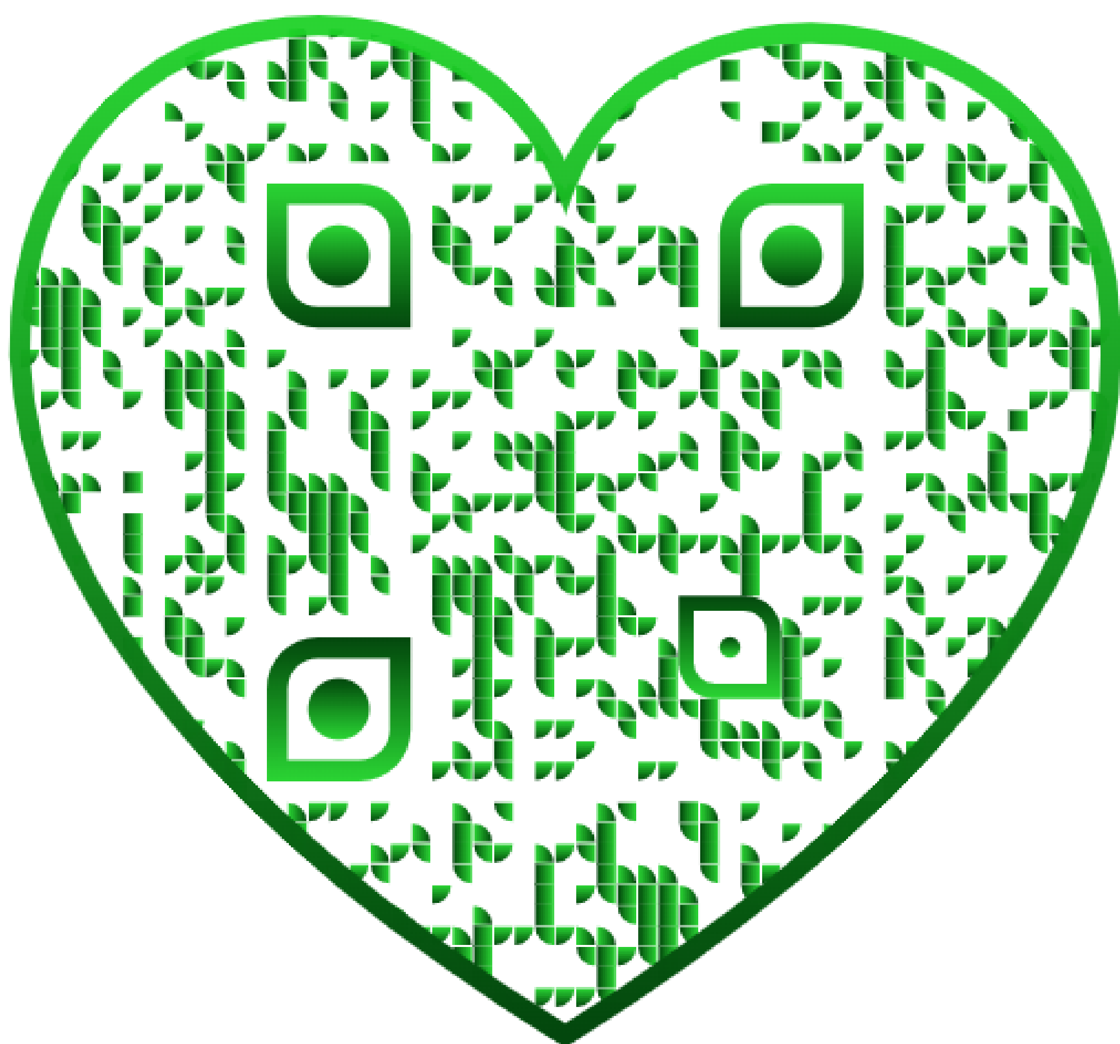
Camile



ELIZABETH URIAN



CAMILE

As Feias Também Os Conquistam

Elizabeth Urian

As mulheres feias abundam no mundo, talvez mais que as formosas. Com Camile se inicia a saga das feias, uma saga que percorrerá todos os períodos e demonstrará que... as feias também os fazem se apaixonar.

Camile não é bonita e o sabe; mas, apesar das vicissitudes da vida, a aguenta com estoicismo. Por seu aspecto, não conseguiu muitos pretendentes, mas afinal consegue o que mais deseja, o amor.

Garret se apaixona por Camile, ela é a mulher de sua vida. Mas um contratempo obriga o comandante da Marinha Real a romper seu compromisso.

Camile, com o tempo, sente-se disposta a retomar sua vida. No entanto, as circunstâncias não o permitirão, sobretudo quando volta a se encontrar com seu amor.

Prólogo

Surrey, 1869

"Querida Camile,

Permita que comece esta escrita desculpando-me por não lhe ter enviado nenhuma carta nos últimos tempos, ainda mais quando você as manda religiosamente a cada semana. Sei por minha irmã que tem estado terrivelmente preocupada por minha pessoa, mas ultimamente as coisas têm estado algo conturbadas no Down.

Também me desculpo de antemão pela dor e a aflição que sei que vou lhe causar: repassei mentalmente milhões de vezes o que queria lhe dizer, mas não é fácil para mim repeti-lo em palavras. Sabe de sobra que não sou bom nesse tipo de coisas e embora sempre tenha sido muito compreensiva sobre isso, desejaria poder fazê-lo com um pouco mais de elegância, mas temo que isso não será possível. Ao final de tudo, uma má notícia continua sendo má por mais que se disfarce. Tenho que admitir com culpa que deveria ter falado claro bem antes, mas a covardia é uma doença que ataca de surpresa: faz tempo que lhe fiz uma promessa que neste momento sou incapaz de honrar. Reconheço que era sincero quando a fiz, mas algo em mim mudou e finalmente sou capaz de ser franco, embora lhe parta a alma: não posso seguir adiante com nosso compromisso, não posso me casar com você.

Como disse anteriormente, e embora agora lhe custe acreditar, naquele momento fiz o pedido de coração, comprometido de corpo e alma. No entanto, meus sentimentos foram mudando, e agora a ideia do casamento me oprime, me sufoca. Considero-me um homem honrado, pelo menos até agora, pelo que deveria seguir adiante com os planos, mas considero que isso lhe causaria mais dor e faria de nós um casal infeliz, e sinto por você um franco apreço.

Sinto destruir seus planos de futuro, seus sonhos, mas sei que com o tempo compreenderá que foi a decisão mais acertada. É por isso que ponho fim a qualquer tipo de contato entre nós. Peço-lhe, deixemos isso como final, não me escreva mais.

Isto não faço somente por mim, faço-o pelos dois.

Garrett Bishop"

- Bah! – Murmurou Camile com certa apreensão no peito. Havia lido a carta dezenas de vezes, mas ainda assim não podia evitar sentir um aperto no coração cada vez que relia essas palavras.

Guardou a folha no baú e tentou conter as lágrimas que ameaçavam sair. Garrett Bishop era o homem mais desalmado que já havia conhecido, muito mais que Ralph, pois ao menos este último havia sido transparente. Em troca, seu ex-noivo havia brincado com ela como havia querido. Era necessário ser tão cruel? Havia feito isso para se divertir com seus amigos?

Tentou afastar os pensamentos negativos, mas ultimamente eram os únicos que passavam por sua cabeça. Talvez fosse hora de deixar a dor para trás.

Alisou a saia do vestido marrom e jogou um xale nas costas, pois de repente sentiu frio. Em seguida, desceu as escadas e se reuniu no salão com seus pais, sentados junto à lareira. Sua mãe levantou a vista do bordado e viu a expressão da filha. Não podia enganá-la.

- Andou lendo aquela carta outra vez? – Perguntou com apreensão. - Isso só lhe faz mal.

Seu pai deixou de lado o livro que lia e a fitou inquisitivamente.

- Então?

- Sim, – sussurrou Camile sentando-se em uma poltrona – mas já não vou fazê-lo mais.

- Que quer dizer? – Sua mãe franziu os lábios.

- É hora de encerrar esse capítulo da minha vida – assegurou, com mais calma do que sentia. Sabia que seus pais sofriam pela situação, por ela, mas Garrett a havia enganado e não havia nada que pudesse fazer para remediá-lo. Quando

Brandon Fullerton soube, partiu para Londres para falar com a irmã e o cunhado, pois não podia custear uma viagem para Malta: queria explicações pelo que haviam feito a sua querida filha. Suzanne e Frederick Anderson compreendiam a situação, mas não havia nada que pudessem fazer para remediá-la, Garrett havia tomado uma decisão e só interviriam se a virtude da garota tivesse sido tomada. Isso nunca ocorreu, só haviam desfrutado de alguns beijos apaixonados. – Sejamos realistas, tenho vinte e seis anos e continuo sendo solteira, as possibilidades de que algum dia me case são cada vez mais escassas. Não me iludo nesse sentido, pelo que não posso me permitir o luxo de sentar-me e chorar por minhas desgraças. É óbvio que Garrett não é o que acreditávamos, mas não vou permitir que isso arruíne minha vida. Desde já vou tentar ser feliz com o que tenho. Dou graças por isso.

A senhorita Camile Fullerton não era uma moça formosa, nem sequer podia ser considerada bonita, razão pela qual sua discreta apresentação na sociedade havia passado completamente despercebida pelos solteiros, inclusive para o mais desprezível caça-fortuna, pois seu dote era, como diríamos… limitado. Os mais próximos afirmavam que seu rosto possuía "personalidade" embora ela soubesse bem que era um eufemismo para não chama-la feia. Seu rosto era muito pequeno e seus olhos muito esbugalhados para a sociedade vitoriana e, consequentemente, a ninguém parecia importar que fosse uma moça carinhosa e de bom coração. Isso deixavam para os pobres. Com bastante vergonha por seu inexistente êxito, começou a odiar os jantares e bailes aos que era convidada, até que conheceu Deirdre, desde então sua melhor amiga. Ambas eram de idades similares e ambas careciam de qualquer beleza, razão pela qual desde o início sentiram que eram almas gêmeas.

Com a idade de vinte e um anos, recebeu sua primeira oferta de casamento, da parte do herdeiro de seu pai. Como Benjamin Fullerton, um barão rural, só tinha uma filha, com sua morte o título passaria ao filho de um primo seu, Ralph Sloan, com quem mal mantinha contato. Camile o achou odioso e

insuportável desde o primeiro contato, razão pela qual o rechaçou quando lhe pediu que se casasse com ele. Seus pais poderiam se aborrecer com ela por ter perdido o que, dependendo do ponto de vista, poderia ser uma boa oportunidade, mas eram da mesma opinião, razão pela qual o suposto cavalheiro foi rechaçado duplamente. Desde então, não havia se aproximado nenhum outro mais, até que chegou Garrett Bishop.

- Alegro-me que tome essa decisão – seu pai pareceu satisfeito.

- É por isso que decidi voltar a Londres.

- Por quê? – Quis saber sua mãe. – Não a tratamos bem?

- Mamãe, sabe que não é isso. Aqui no campo a vida é mais sossegada e tudo parece acontecer mais lentamente, justo o que agora não necessito.

- Então voltará para a casa de Deirdre?

- Sim, é o melhor que posso fazer.

Há muitos anos, passava longas temporadas na casa de sua amiga, era como mais uma naquela grande família e também a considerava seu lar. Tentava repartir seu tempo entre Londres e Surrey porque amava seus pais, mas a vida junto a eles lhe parecia, devia admitir, um tanto chata. Havia pouco que fazer além dos longos passeios e as visitas para se relacionar com os vizinhos e, embora na cidade as coisas tampouco fossem tão diferentes, na casa da família Doyle sempre havia movimentação, com as frequentes visitas dos irmãos e cunhadas de Deirdre.

- E quando voltaremos a vê-la?

- Em pouco tempo, prometo.

- Poderia trazer Deirdre – sugeriu sua mãe um pouco mais animada. – Seria bom organizar algum jantar com os amigos.

A família Fullerton, embora descendesse de uma grande linhagem, parecia relegada ao baixo escalão por seu pobre poder econômico e entre suas amizades se encontravam pessoas de uma classe diferente, os burgueses, como advogados, comerciantes e um ou outro proprietário de terra com sua mesma situação. Camile não se importava

absolutamente com isso, sentia-se cômoda em seu papel, eram o que eram e não necessitava de um conde ou um marquês para se sentir bem. Que o pai de Deirdre fosse um conde não era mais que uma casualidade, pois gostaria dela ainda que fosse a filha de um leiteiro.

Viver com eles havia-lhe feito conhecer gente e situações que provavelmente seria impossível ter vivido se nunca tivesse saído de Surrey. Estava muito agradecida a eles por essas experiências, mas ela era uma pessoa simples e não necessitava de luxos para viver. Isso o demostrava o fato de ter se apaixonado por Garrett e de sonhar para ambos uma vida tão idílica como a de seus pais, na qual o dinheiro não era o mais importante. Graças a isso, sua infância havia sido maravilhosa.

- Prometo que em minha próxima visita, Deirdre virá comigo – e logo em seguida a senhora Fullerton começou a enumerar tudo o que tinha que preparar para a visita da moça. – Escreverei uma carta e a informarei de meus planos – murmurou Camile, mas ninguém pareceu escutá-la. Seu pai voltou a parecer imerso na leitura e sua mãe se levantou para falar com a cozinheira sobre os novos pratos com os quais acolheria a futura convidada.

Capítulo I

Londres, alguns dias mais tarde.

- Camile! Não sabe o quanto senti saudades de você... - Deirdre Doyle abraçou-a com força quando ainda não havia posto um pé no hall. – Deveria ter me deixado acompanhá-la a Surrey. Teria podido ajudá-la em seu desconsolo. Às vezes é tão teimosa – afirmou, sem perder a alegria pelo reencontro com sua melhor amiga.

- Lamento-o, mas não creio que tivesse podido me ajudar.

- Pelo menos teria ficado a seu lado, fazendo companhia.

- Agradeço-lhe, de verdade, mas agora não quero falar disso – fez um gesto com a mão para acompanhar suas palavras.

- Oh, desculpe. Não havia pensado nisso.

- Não tem nada, - sussurrou – agora voltei e isso é o que importa.

- Pode-se saber o que as duas fazem paradas aqui? – Protestou Sharon, a madrasta de Deirdre, com um sorriso em seus lábios. Sua aparição foi recebida com agrado, pois não havia ninguém nessa família que não gostasse dela. – Certamente Camile quererá se refrescar um pouco.

- O que me viria bem – disse – é uma boa xícara de chá – retirou o casaco e o chapéu com fitas vermelhas que até então levava posto e os entregou a um criado.

- Passemos ao salão.

Deirdre se pendurou em seu braço e não a soltou.

- Conte-nos como está – sugeriu-lhe com franca preocupação.

- Não vou enganá-las, sinto-me muito magoada e passará muito tempo antes que me recupere... não sei, talvez não o faça nunca, mas agora o que preciso é não pensar mais nele.

- Lamento, não fazemos mais que perguntar e recordar-lhe tudo. Só quero dizer que estamos aqui para o que precisar.

- E estou muito agradecida por suas palavras.

- Então, não vai querer saber que Garrett... - Deirdre se interrompeu ao ver a expressão de sua madrasta.

"- Ups – se disse. – Acabo de me atrapalhar. "

- Garrett? O que acontece com ele?

- Eh... não, nada – tentou dissimular.

- Deirdre... - advertiu-a.

Esta fitou Sheron e esperou ansiosa seu consentimento. Não queria esconder nada de sua amiga.

- Não creio que queira saber – assegurou-lhe a mulher.

- É claro que sim – afirmou categórica fitando uma e outra.

- Adiante Deirdre, conte-me.

- Eu... - mordeu o lábio inferior – fiquei sabendo por alguns amigos comuns que Garrett está em Londres.

- Quê? – Perguntou desconcertada. – Quê, quando, onde? – Quis saber de imediato.

- Foi há uma semana, na casa dos Mallory.

- Encontrou-se com ele? – Deirdre negou-o. – Então?

- Eles me perguntaram por você, supunham que estaria muito contente por seu regresso. Ao que parece, sua irmã comentou rapidamente que estava de volta.

- Tem certeza?

- Isso foi o que disseram. Eu, de minha parte, me fiz de tonta e mudei de assunto, não queria lhes contar que o compromisso estava rompido, porque parece que ele não havia dito nada.

- O grande cretino! – Exclamou de repente. – Deixa-me mediante uma miserável carta e ainda espera que seja eu a que o torne público. Não tem um pingo de vergonha!

- É verdade, não a tem! – Solidarizou-se com sua amiga.

- Garotas, um pouco de calma – se não interviesse, elas sozinhas eram capazes de começar uma guerra, sobretudo se Deirdre incitava; essa garota era um verdadeiro perigo.

- Tem razão – respondeu Camile – não vale a pena dedicar-lhe mais um só pensamento.

Apesar disso, Camile teve um instante de reflexão e não pode deixar de evocar o momento exato em que viu Garrett pela primeira vez. Sempre havia aceitado com resignação o fato de

ser feia, mais com o passar dos anos, mas sempre teve a pequena esperança de que alguém a valorizasse pelo que era, não por seu aspecto, embora para isso fosse necessário conhecê-la. No momento em que seus olhos se cruzaram, desejou com todas as suas forças ser um pouco mais graciosa, porque embora tampouco fosse desagradável à vista, estava muito distante de ser bela. Quando rechaçou Ralph, este lhe disse que era uma mulher sem encanto algum, feiosa e que nenhum homem em bom juízo pensaria seriamente nela para ser a mãe de seus filhos e, embora soubesse que essas palavras eram expressadas a partir do ressentimento e do orgulho ferido, haviam lhe tocado fundo, pelo que sua autoestima não era muito alta quando conheceu Garrett. Mas, longe do que podia esperar, se comportou como um cavalheiro.

Naquela noite havia ido a uma concorrida festa musical e se encontraram com Suzanne Anderson, que compareceu com seu irmão, segundo-tenente da Marinha Real. Camile ainda podia recordar o que havia sentido nesses momentos, a emoção, a euforia. Tinha a pele arrepiada. Era tão bonito, tão encantador... e seu sorriso quase havia conseguido que se derretesse. Todos se sentaram juntos e no final a casualidade fez com que Camile e Garrett ficassem junto um ao outro. Para ela foi como um sinal do destino e deixou de lado a timidez para focar sua atenção nele. Agora ou nunca. Aquilo pareceu funcionar e entabularam uma animada conversa com um fundo de sonatas, e era óbvio que nenhum dos dois estava atento à música.

Contou-lhe que desde os quatorze anos estava na Marinha e depois de ir escalando postos, agora era segundo-tenente do encouraçado HMS Down, embora acreditasse que em dois ou três anos subiria a capitão e lhe dariam seu próprio barco. Notava-se que amava seu trabalho pela forma de narrar seu dia a dia ou aventuras passadas, nas descrições e até em seus gestos. Suas palavras desprendiam entusiasmo e paixão, e delas Camile compreendeu que era um homem que se entregava de corpo e alma. Se nesse momento não se apaixonou por ele, foi pouco depois, mas a alegria não durou

muito: estava de licença e já lhe restavam somente mais dez dias. Nessa época Garrett não deu mostras de sentir mais que uma amizade, com longas e profundas conversas e passeios com acompanhante, mas, dado seu histórico amoroso, ela se dava por satisfeita. Sua partida foi um momento amargo, porque, embora houvesse tentado não se iludir, seu coração ansiava, não deixava de bater por ele e por um segundo deixou de fazê-lo quando lhe pediu permissão para lhe escrever. Se não tivesse sido uma dama completa, nesse momento teria pulado de alegria como uma menina de dez anos. Não voltou a vê-lo até oito meses depois.

Durante esse período, não deixaram de enviar-se cartas onde ele lhe contava coisas sobre seus companheiros de barco, sobre Malta ou sobre o mar e às que ela somente podia corresponder com insossas crônicas de seus afazeres diários, já que sua vida não era tão estimulante; no entanto ele dizia sentir-se muito à vontade com isso, pois sentia falta de estar em casa.

Vê-lo novamente foi a melhor coisa que lhe havia acontecido na vida porque, durante esses meses, seu amor havia ficado mais forte. Segundo lhe disse, ela havia sido a primeira pessoa à que visitou depois de desembarcar e isso a encheu de orgulho. No entanto, voltou a se lembrar que aquilo podia não significar nada. Entretanto, desta vez puderam desfrutar de dois maravilhosos meses juntos e, antes de partir, ele se declarou. Embora Camile o quisesse com todas as suas forças e desejasse se casar com ele, a pergunta a pegou com a guarda baixa.

- Por quê? – Foi o único que lhe ocorreu naquele momento.

- Pergunta-me por que quero me casar com você? – Ele parecia atônito. – Acaso não é óbvio? – Camile negou com a cabeça. – Todo mundo parece ter-se dado conta menos você – então, se permitiu sorrir. – Minha irmã não deixar de zombar de mim e até Robert Doyle sentiu a necessidade de falar, segundo suas palavras “de homem para homem”.

- Robert fez o quê? Não tem sentido… além disso eu… por quê? – Voltou a repetir. – Meu dote é muito escasso e mal possuo qualidades, isso sem contar com isto – apontou a seu

corpo. – Não sou muito alta, meu cabelo é escuro… e do mais comum, e eu… sou feia – não havia nada em seu rosto que fosse digno de admirar, nem sua boca, nariz ou maçãs do rosto, o conjunto era bastante decepcionante e ela o sabia.

Nesse instante ele lhe segurou as mãos e lhe lançou um adorável olhar.

- Camile… - sussurrou – eu a acho muito cativante.

- Está brincando? – Soltou-se com um puxão.

- É claro que não! – De repente seu rosto se fechou. – Se posso ser sincero, gosto do que vejo, mas sobretudo gosto do que é e só sei que gosto de estar a seu lado. Acredita que eu sou perfeito? – Ela pensou que sim.

- Além disso, neste momento não tenho nem um centavo. Meu salário não é muito alto e o que tinha investi em alguns negócios com meu cunhado. Deveremos esperar que me nomeiem capitão para nos casarmos, só assim poderei comprar-lhe uma casinha com que começaremos nossa vida juntos – fez uma pausa. – Então, como vê, – levantou as palmas das mãos em um gesto de impotência – se me aceitar, eu serei o sortudo, o que saíra ganhando, porque a amo.

Assim a convenceu e assim a enganou, porque dois anos depois suas promessas haviam sido levadas pelo vento.

Garrett Bishop estava sentado diante da escrivaninha no escritório de seu cunhado revisando alguns contratos que Frederick lhe havia pedido para revisar. Agora pouco podia fazer e pelo menos isso o distraía. Qualquer coisa para manter sua mente ocupada.

Sua situação atual estava distante de ser ideal, mas, por enquanto, permaneceria uma temporada na casa de Chester Square e logo decidiria, pois não queria se converter em um peso para sua família. Uma coisa era ficar durante suas visitas ao país e outra para sempre. Embora Suzanne lhe houvesse assegurado mais de uma vez que sua presença sempre era benvinda, ele se sentia incomodado pela situação, mas reconhecia que tudo estava dentro de sua cabeça já que se percebia que sua irmã, os meninos e até seu cunhado se

sentiam contentes por tê-lo. Se não fosse por esse maldito incidente, sua vida seria muito diferente e teria algumas metas pelas que lutar. No entanto, agora...

Seus pensamentos se viram interrompidos por algumas vozes procedentes da parte dianteira da casa e supôs que seriam visita, pois os criados nunca faziam tanto alvoroço. Se se tratasse de algum amigo ou conhecido da família, preferia não sair e encontrá-los já que não estava de humor para dar explicações. Ainda assim se levantou apoiando-se no encosto da cadeira. A porta do escritório se abriu com um baque e esteve a ponto de perder o equilíbrio. Teve que se agarrar à mesa. Levantou o rosto para enfrentar diretamente a mulher que ultimamente lhe roubava o sono, Camile.

Ela parecia haver ficado petrificada sob a moldura da porta, mas foi a primeira a falar.

- É verdade – murmurou para si mesmo. – Está em Londres – Não soube o que responder a isso, já que não havia se preparado para voltar a vê-la. Acreditava que sua carta havia sido suficientemente explícita.

Garrett engoliu em seco, seu pior pesadelo acabava de ganhar vida.

Detrás dela apareceu sua irmã com o rosto alterado, disposta a intervir se fosse necessário, mas optou por uma retirada estratégica.

- Será melhor que os deixe a sós – fez um gesto para tentar fechar a porta, mas Camile não havia se movido nem um centímetro do portal, então desapareceu sem demora, colocando para fora os serventes que haviam se reunido no corredor.

- Não acreditei que tivesse o desplante de voltar – conseguiu dizer com toda a dignidade que pôde. – Pelo menos por um tempo – esperou sua resposta, mas esta nunca chegou. – Então não vai dizer nada? De repente teve vergonha? Não acreditei que alguém tão miserável como você pudesse senti-la.

- O que faz aqui? – Provocou com dureza, sabendo que o fazia. Por um momento a desconcertou.

- O quê...? Deus, é abominável! O que acha?

- Deixei muito claro na carta que lhe enviei, não queria…

- Não estou nem aí para o que você queria! – Interrompeu-o furiosa. – Acredita de verdade que me conformaria depois de romper nosso noivado tão miseravelmente?

- Comportemo-nos de forma civilizada – tentou apaziguá-la, embora soubesse que isso não serviria de nada. Tinha sorte que fosse ela e não seu pai com uma arma na mão.

- É claro, sobretudo não percamos os modos – respondeu-lhe de forma irônica. – Não acredita que pelo menos mereço uma explicação? Acaso tudo isso foi alguma espécie de experiência pavorosa? Gosta de brincar com as mulheres e depois descartá-las?

- Santo Deus, não é nada disso! Deveria me conhecer melhor.

- Ah, sim! – Soltou uma risada sarcástica. – Espera muito de mim. Acredita que sou uma santa para não reagir?

- Não, certamente entendo que esteja incomodada…

- Isso é dizer o mínimo – avisou-lhe. Nesse momento, suas emoções estavam misturadas e embora uma parte dela quisesse esbofeteá-lo, outra lutava para jogar-se em seus braços.

Olha, Camile, eu não planejei que as coisas acontecessem assim – Esclareceu com total sinceridade.

- Não acredita que pelo menos merecia que tivesse dito na minha cara?

- Suponho que sim, – concedeu-lhe – mas não queria prolongar a situação desnecessariamente. Além disso, cheguei a Londres há dez dias apenas. Não crê que teria sido mais cruel fazê-la esperar até minha volta?

- Pois no final o que conseguiu é que me sinta humilhada.

- Lamento-o. Sinto o que lhe fiz, sinto que sofra por mim – isso era a última coisa que queria, pensou, com uma emoção que não deixou transparecer. Preferia que pensasse que era frio a deixá-la descobrir a verdade.

- Amou-me alguma vez? – Perguntou-lhe, arrependendo-se imediatamente. Se dissesse que não, morreria.

- Isso agora carece de importância – não quis dizer-lhe nem

que sim nem que não e Camile se deu conta. Seus olhos se umedeceram e Garrett se compadeceu dela. – Sim, a amava – murmurou com um fio de voz. Fazia-lhe mal vê-la dessa forma, porque tudo ficava mais difícil, mais duro e esteve a ponto de voltar atrás em sua resolução, pois suas forças enfraqueciam. É claro, era mais fácil sem estar na sua frente. – Apaixonei-me por você na noite em que nos conhecemos – ela abafou uma exclamação ante a notícia, era a primeira vez que a ouvia, mas ele não quis se fixar nisso, já que queria deixá-lo no passado. Portanto, tentou ser breve em sua explicação. – Realmente queria começar uma vida com você – olhou-a com atenção nos olhos, não tentou fugir de seu olhar – mas as coisas agora são diferentes.

- Em que sentido? – Quis saber, ainda afetada por suas palavras. – Porque podemos recuperar o que tínhamos – se a havia amado de verdade como dizia, ainda estavam em tempo de se acertarem. Sua raiva inicial havia diminuído e agora estava segura de que seu noivado não havia sido uma farsa. – Compreendo que o que sentia por mim tenha ido decaindo por causa do tempo e da distância, mas agora que está aqui...

Garrett se deu conta de que Camile não o havia compreendido bem. Só o que lhe faltava era que suas esperanças renascessem.

- Não creio que isso seja possível. Não é algo que se conserte com um par de passeios – estava lhe custando muito combinar a fantasia com a realidade, desenhar a linha divisória, e temia acabar confessando-lhe que nunca havia deixado de amá-la.

- O amor não desaparece tão facilmente – assegurou com um pouco de esperança. Estava de acordo, mas não ia discuti-lo com ela. – Confie em mim, eu sei – ele negou com a cabeça para não lhe dar asas.

- Camile, meus sentimentos por você morreram faz tempo e não há nada que possa fazer para consertá-lo – esta se aproximou mais, só a escrivaninha os separava. Viu a súplica em seus olhos, mas não se deixou comover. – Não quero mais discutir o assunto.

- Por quê? Não entendo. Diz que me amava, agora parece que

já não e eu só tento que tenhamos uma segunda oportunidade. Amo-o, Garrett, nunca deixei de fazê-lo e estou disposta a tentar novamente. Por que você nos nega a oportunidade de sermos felizes?

- Porque sei com segurança que nunca voltaremos a recuperar o que tivemos.

- Por favor, Garrett, por favor – pediu-lhe suplicante.

Estava em dificuldades, qualquer um podia se dar conta. Camile o acuara e não sabia como sair da confusão em que ele mesmo se havia metido. Havia se equivocado ao pensar que a carta seria suficiente e cada um seguiria com sua vida em separado. Não havia se iludido apenas, havia sido estúpido, mas de repente encontrou a resposta. O mal é que não havia tido tempo de pensar sobre isso.

- Eu... - por um momento as palavras o engasgaram – conheci outra – tão logo terminou de dizê-lo, arrependeu-se ao contemplar a mudança em seu semblante. Estava lívida.

Camile sentiu uma dor intensa na boca do estômago e em sua mente se amontoaram mil perguntas que era incapaz de pronunciar.

- Nunca devia ter vindo – conseguiu dizer, sem qualquer inflexão em sua voz. Já não lhe restavam forças para saber, tudo já lhe era indiferente. Conteve um soluço e disse a si mesma que aquilo era o fim. Já não importava quem era a mulher, onde a havia conhecido ou o que fosse. Ali já não havia nada para ela.

Fitou-o com lágrimas nos olhos e nem sequer se despediu, deu meia volta e saiu apressada por onde havia entrado.

Garrett deixou que se afastasse, sentou-se e massageou a perna para aliviar a dor.

- Tinha que ser tão cruel? – Suzanne apareceu na biblioteca com as mãos na cintura tão logo Camile desapareceu. Seu tom era acusador.

- É evidente que esteve escutando a conversa – disse-lhe aborrecido. Ultimamente não fazia mais do que se meter em seus assuntos.

- Não merecia esse tratamento – continuou sem fazer-lhe

caso. – Por Deus, Garrett, nem sequer soube manejar a situação. Complicou tudo ainda mais, e olha que eu duvidava que isso fosse possível.

- Faço o que creio que é melhor para ela.

- Isso você já disse milhares de vezes, mas continuo sem encontrar sentido nisso.

- É porque não o quer – resmungou frustrado. Estava farto, porque não podia aceitar sua decisão?

- Que sentido tem que os dois sofram tanto? Acaso é uma espécie de martírio? – Sentou-se diante dele. – É ridículo.

- É minha vida e sou suficientemente maduro para saber manejá-la – assegurou-lhe – e um pouco de apoio de sua parte não me pareceria mal.

- E como posso dá-lo quando creio que está cometendo o maior erro de sua vida? Outra mulher? – Sacudiu a cabeça em um gesto de incompreensão. – Sério? Era mesmo necessário chegar a tal extremo?

- Era – respondeu simplesmente.

- De verdade? – Ela não estava tão segura. Desde que soube de sua decisão, se mostrou contrária, porque sabia quanto amava a moça e sabia que sua felicidade estava junto a ela, pois o que tinham era especial. Suzanne conhecia bem seu irmão, sabia da paixão que sentia pelo mar e que seu sonho era ter um barco próprio, mas renunciaria a ele sem pensar se Camile pedisse, coisa que nunca fez. Sempre se moldou à vida de Garrett. Era por isso que não podia aceitar que a afastasse de sua vida.

- Deixe-me recordar-lhe minha situação: tenho uma lesão na perna que me impedirá de andar com normalidade. Para sempre.

- Isso não o sabe. Os médicos disseram…

- Ao diabo com os médicos! – Gritou-lhe raivoso e sua irmã deixou que desabafasse. – Sou um maldito aleijado e até a Marinha o reconheceu. Nunca mais poderei voltar a subir num barco. Estou incapacitado para isso. Acredita de verdade que não gostaria de casar-me com Camile, ter uma família com ela? Mas não posso fazer-lhe isso. Se olharmos a parte econômica,

estou sem um centavo – sua irmã foi protestar, abriu a boca, mas a fechou sem chegar a dizer nada. – Sim, eu sei, me resta a pensão por invalidez, mas mal seria suficiente para manter Camile como ela merece.

- Não é uma moça dada a luxos excessivos, você sabe – interviu finalmente. – Além do mais, Frederick e eu os ajudaríamos. Sabe que os queria presentear com uma casa em seu casamento.

- E o agradeço, mas é minha responsabilidade. Não posso permitir que meus parentes venham ao resgate cada vez que necessite.

- Por que não? Deixe de ser tão orgulhoso – falou aborrecida. – É um cabeça-dura obstinado. Além disso, os negócios com Frederick vão bem e em pouco tempo começará a receber dividendos. Então não venha me dizer que é pelo dinheiro – o admoestou.

- E que lhe parece minha lesão? Muitas vezes não posso dormir por causa da dor na perna e meu andar ficou desajeitado, necessito da ajuda de uma bengala. Fiquei inútil.

- Não creio que isso importe a Camile, porque ela o ama, idiota. Pelo menos deveria deixá-la decidir.

- Não! – Foi taxativo. – Não vou metê-la em semelhante situação. Não quero que fique por pena.

- Uf! – Bufou. – Desespero-me e me dá vontade de esbofeteá-lo – Suzanne se levantou com resolução. – A única coisa importante aqui é que a ama. E, se a deixar escapar, se transformará em uma pessoa... - por um momento hesitou – triste.

- Pois que assim seja – sentenciou, ranzinza. Pegou a bengala que descansava a seu lado e que por sorte Camile não havia percebido e se levantou com cuidado, dando a conversa por finalizada, mas sua irmã podia ser muito mais teimosa que ele e não o permitiu.

- Pensou em seu futuro?

- Que quer dizer?

- Refiro-me a que pode conhecer outro com o tempo.

Suzanne não acreditava que isso pudesse acontecer, não

porque a menosprezasse, mas sim porque, como seu irmão, era uma pessoa fiel. Estava segura que o passar dos anos não faria com que seu coração o esquecesse, nem sequer com a presumível traição, mas podia ocorrer que se lançasse nos braços de outro por despeito. Conhecia muitos casos assim. Sobretudo, comentou-o para fazê-lo reagir.

- Não me importo – deu alguns passos, dando-lhe as costas.

- Mente – provocou-o. – Por que não me diz isso fitando-me nos olhos? – Garrett se voltou e a enfrentou. Seu rosto não mostrava nenhuma emoção, era como granito.

- Não me importo – repetiu, embora os dois soubessem que a enganava. Ela sustentou o olhar e ele, finalmente, se deu por vencido. – Que quer de mim? – Pareceu suplicar. – É um risco que estou disposto a correr. Tudo o que fiz foi pensando nela. Talvez o método não tenha sido o mais adequado, reconheço, mas devia fazê-la se desligar de mim porque quero que seja feliz e se o conseguir com outro homem... - fechou os olhos sem querer imaginar isso e não pode terminar a frase.

- Está bem – aceitou finalmente. – Não há forma de fazê-lo mudar de opinião, só espero que tudo não termine em tragédia.

Garrett engoliu em seco e saiu em retirada. As emoções se acumulavam e não era capaz de pensar nelas. Havia sido muito duro reencontrar-se com Camile e negar-lhe seu amor.

Agora necessitava passar um pouco de tempo sozinho.

Capítulo II

“Garrett,

Deixe que comece esta carta desculpando-me por minha última cena, pois agora compreendo que deveria ter me poupado a vergonha e isso era precisamente o que pretendia quando me escreveu de Malta para pôr fim ao nosso compromisso.

Devo admitir com culpabilidade que me deixei levar pelo rancor, não raciocinei, mas algo em mim foi mudando com o passar dos dias e agora sou capaz de admitir que não me comportei civilizadamente, como você denominou. Não devia ter-me ofendido, deveria ter visto que estava me fazendo um favor, mas não foi fácil para mim dominar-me naquele momento. Por sorte, e como disse anteriormente, todos esses sentimentos foram mudando e posso fitar o futuro com otimismo.

Conheci um homem maravilhosos, Jeremy Gibson, Duque de Dunham e é tudo o que poderia desejar, compreensivo, atencioso, delicado… Dou graças a Deus por colocá-lo em meu caminho neste momento de minha vida e, embora não queria me adiantar aos acontecimentos, tenho um bom pressentimento e desta vez não esperarei tanto.

Por outro lado, não seria próprio de uma dama dar por certo algo que ainda está por se confirmar. Por isso, peço que desculpe minha indiscrição e não comente com ninguém esse assunto.

Atenciosamente

Camile Fullerton”

Remexeu-se sobre o assento de tapeçaria da carruagem, guardou a carta no bolsinho interno da jaqueta e fez uma tentativa de conter as náuseas que o ameaçavam.

Tinha merecido isso por tratá-la assim. Essa havia sido sua vingança: em suas palavras podia reconhecer a ironia. Ela havia copiado algumas frases suas, procurando feri-lo, zombar, fazer-lhe ver que o havia superado. O problema residia em que

não sabia com certeza se era verdade ou uma invenção de Camile para manter seu orgulho intacto e, embora não a visse como mentirosa, tinha suas dúvidas. Fosse como fosse, magoava-o. Podia deixar de amá-lo em tão pouco tempo? Mal havia passado um mês desde a cena ocorrida na biblioteca de seu cunhado. Naquele momento, havia assegurado amá-lo, chegou a lhe rogar. Então? Não podia entender que uma mulher fosse tão volúvel, não sua Camile.

Escreveu-lhe somente alguns dias atrás e não havia contado a ninguém, tal como ela lhe pedia, mas havia conseguido derrubar o pouco ânimo que lhe restava desde o acidente. Essas notícias o carcomiam e às vezes até se negava a se levantar da cama, alegando mal-estar.

Suzanne não compreendia a profundidade de sua dor, sua vontade de estar só, de se lastimar. Havia deixado que ela se fosse, livre, e ela havia conhecido outro. Maldito duque e seu título. "Tenho um bom pressentimento e desta vez não esperarei tanto". Essas palavras se cravaram como um punhal e por um momento necessitou de ar. Fechou os olhos e colocou toda a sua atenção em sua respiração, até que esta se normalizou.

Maldita fosse Camile por não querer sair de seu coração, e maldita Suzanne por obrigá-lo a sair de casa com a desculpa de tomar ar. Havia insistido e insistido para que a acompanhasse às compras e por fim cedeu mas, uma vez na rua, negou-se a sair do veículo.

Estava esperando-a há mais de uma hora e arrependendo-se de sua saída, quando ouviu vindo de fora algumas vozes femininas e a do cocheiro, pelo que pressentiu que sua irmã já estava de volta. Finalmente! Mas quando a porta se abriu, encontrou-se cara a cara com Camile, tão surpreendida como ele. Fitou-o com assombro e se voltou para enfrentar-se com Suzanne, que a empurrava para diante.

- Rápido, que já começou a chover – murmurou, empurrando-a e não deixando mais remédio à moça senão sentar-se frente a Garrett. Tentou manobrar com certa elegância, mas a saia do vestido se enrolou pela pressa e

deixou-a a ponto de cair. Por sorte, ele reagiu ante a emergência e terminou segurando-a pela cintura. Teve que se levantar no ar, sem nenhum apoio e sua perna se ressentiu. Tentou evitar um gemido de dor. Enquanto isso, ela recuperou a compostura e mal pode murmurar um agradecimento. – Deus, como chove! – Exclamou sua irmã, retirando o chapéu e acomodando-se. – Mais um pouco e terminaríamos todas molhadas.

- Ehh… certamente – Camile, entretanto não havia se recuperado da surpresa. – Não havia dito que seu irmão a acompanhava – murmurou com uma fingida naturalidade, pois sabia que havia sido uma completa emboscada. Além disso, imediatamente recordou a carta que havia lhe enviado e subitamente enrubesceu de vergonha.

Garrett fitou sua irmã com a testa franzida, fazendo-lhe saber que estava compreendendo o seu joguinho. Nesses momentos, arrependia-se de não lhe ter contado como estavam as coisas, só assim o deixaria em paz. Era óbvio, dadas as circunstâncias, que não esperava voltar a estar tão próximo de Camile, não depois do que aconteceu no escritório, não depois de sua carta. O destino zombava dele, tudo parecia estar contra ele e, embora não fosse muito crente, parecia que Deus queria castigá-lo por seu pecado. E agora a tinha ali, por alguns instantes, entre seus braços. Essa era sua penitência: desejá-la e não a ter. Pôde aspirar seu embriagador perfume de rosas, que encheu seus sentidos e o excitou ao mesmo tempo. Fazia muito que não estava com uma mulher…, mas só desejava a ela. Embora tivessem estado noivos durante muito tempo, nunca considerou a possibilidade de tomar sua virgindade. Queria fazer isso direito, queria esperar o casamento e, embora em seu interior soubesse que tomou a melhor decisão, arrependia-se de não ter compartilhado essa intimidade com ela, e sentia falta disso.

"Pode-se sentir falta do que nunca se teve? – Perguntou-se."

Essa pergunta ficou sem resposta.

- Ah, não? – Respondeu tirando-lhe importância. – Arrastei o pobre Garrett às compras, mas ao que parece é muito mais

interessante ficar aqui fechado do que me acompanhar – olhou para ambos, no entanto pareceram alheios à sua brincadeira.

Suzanne havia aproveitado o tempo para ir ao joalheiro na Regent Street, já que queria encomendar um relógio de bolso para o aniversário de seu esposo, que estava próximo. O tempo estava piorando e já regressava quando viu ao longe Camile Fullerton, aparentemente sozinha, e decidiu aproveitar a oportunidade. Não queria arvorar em casamenteira nem nada nesse estilo, mas estava certa de que seu irmão se alegraria. Entretanto, observando bem, já não estava tão segura.

Sentada incomodamente ao lado de Suzanne, Camile não sabia para onde olhar, mas deveria ser devido à situação. Se a tivesse advertido da presença de seu irmão, nunca teria aceitado. Vingar-se de Garrett não foi algo premeditado, saiu-lhe simplesmente do nada e embora a tivesse trocado por outra, soube que ferira seu orgulho. Os homens eram assim. Tão logo enviou a carta, se arrependeu e fez o impossível para que esta não chegasse a seu destino, mas foi tudo inútil. Certamente, não foi a melhor decisão que havia tomado e só podia justificar isso de uma forma: havia ficado louca.

Ao contar a Deirdre, a coisa piorou e viu como seu rosto se alterava.

- Está louca? – Perguntou-lhe. Justamente o que ela pensava.

- Bom, – justificou-se – nem tudo o que escrevi é mentira.

- Não, mas modificou-o para sua conveniência – deu-lhe um sermão. Camile havia relatado palavra por palavra.

- Mas é certo que Jeremy e eu falamos de casamento – protestou.

- Só porque ambos estão despeitados. Acaso considerou a possibilidade?

- Pensei nisso, sim.

- Por que não comentou nada comigo? – Notou que estava chateada. – Acreditava que o considerava como um amigo.

- E o faço. Embora nos conheçamos faz muito tempo, neste último mês nos aproximamos – isso era absolutamente verdadeiro e ambas o sabiam.

Lord Jeremy Gibson, Duque de Dunham, possuía sua extensa propriedade familiar em Surrey, a não mais de dez milhas da casa de seus pais e, embora o conhecesse desde pequena, nunca haviam mantido uma estreita amizade… até pouco tempo atrás. Saudavam-se e falavam brevemente quando coincidiam em Londres e até havia ido a alguns jantares em sua casa, mas nada mais. Como disse sua amiga, o despeito os havia unido.

- A isso chamam compartilhar mágoas.

- Eu sei, eu sei. Oh, Deirdre – queixou-se – quero me casar e formar uma família.

- E não quer estar apaixonada para isso? Porque se eu me casar algum dia, o farei completa e irremediavelmente apaixonada.

- Precisamente, não nos chovem oportunidades – queixou-se com amargura. – Entende porque estou considerando isso?

- Sim – admitiu – e não quero que pense que a julgo; não é isso, mas não quero que cometa um erro.

- Outro erro – corrigiu-a.

Depois disso, tentou esquecer aquele desagradável assunto, mas os remorsos não deixavam. Já não sabia se chorava de raiva, amaldiçoava Garrett, tentava olhar para Jeremy de outra forma… e para o cúmulo, agora devia enfrenta-lo… outra vez.

Um silêncio incômodo se instalou entre eles. Pigarreou para aliviar a tensão e foi quando seus olhos pousaram sobre ela. Mordeu os lábios alterada.

Suzanne foi em seu resgate.

- Ofereci-me para levar Camile até sua casa – explicou-se. – Digo, pelo tempo. Mas não imaginava que começasse a chover tão logo.

- É claro – murmurou seu irmão engolindo a irritação. – Ainda que eu não compreenda o que a senhorita fazia sozinha por estas ruas – Camille sentiu que a estava repreendendo e encolheu-se no assento.

- Pedi ao cocheiro que não me esperasse – murmurou, sentindo-se estúpida. Além disse havia se dado conta de que já não a tratava informalmente.

- É claro que sim, – interveio a mulher – Regent Street é uma rua segura – lançou um olhar irritado para Garrett. – Eu mesma posso andar só – decidiu mudar de assunto para relaxar o ambiente, mas seguiu sem acertar. – E então Camile, como está?

Era uma pergunta simples, só devia dizer que bem, mas ele a fitava com os lábios apertados, julgando-a e ao final não respondeu.

- Sim, Camile, como está? – Perguntou-lhe com tom zombeteiro.

De repente deu-se conta que não tinha por quê se envergonhar, afinal de contas, as coisas estavam assim por culpa dele. Grande insolente, não tinha nenhum direito de tratá-la assim. Iria saber, pensou com resolução.

- Maravilhosamente – declarou eufórica. Suzanne pestanejou, confusa. Não é que esperasse que a moça lhes contasse da tristeza que sentia, mas tão pouco isso. Soube que algo lhe escapava.

- Magnífico – contra-atacou ele. – Que seja um dia triste, pelo tempo – esclareceu – não significa que nossos ânimos devam decair. Não é irmã? – Camile não lhe deixou responder.

- Estou de acordo. Desejaria o tempo imutável se isso significasse que minha felicidade se mantivesse intacta.

- Nossa, as coisas devem ir francamente bem para você desejar isso – exclamou com uma admiração fingida.

- Creio que não me havia sentido tão bem em minha vida – uma vez que entrara no exagero, não havia quem a parasse.

- Verdade? – Sorriu irônico. – Já que está tão cheia de felicidade, não se importará em compartilhar o motivo conosco, certo? – Aí a agarrou bem, mas não deixou que ganhasse a partida. Pela forma cordial com que Suzanne a havia tratado, supunha que nada sabia do duque, assim que não quis falar do assunto abertamente.

- Que quer que lhe diga? – Suspirou teatralmente. - Assim é a vida, algumas vezes tira, algumas vezes dá – disse, o mais digna que pode.

- E lhe deu muito?

- Ah! – Exclamou. – Mais do que me tirou – esboçou um sorriso dos mais encantadores, quando o que realmente queria fazer era estrangulá-lo.

Garrett engoliu em seco, raivoso. Não ia deixar que lhe esfregasse sua felicidade na cara, mas ele havia começado o jogo.

- Compreendo.

– Sabe, - baixou o tom de voz – descobri recentemente que a cidade está infestada de asquerosas ratazanas – fitou-o diretamente nos olhos – e ás vezes invadem meu jardim, mas descobri que podemos esmaga-las e continuar aproveitando da paisagem.

Suzanne conteve uma exclamação. Aquilo estava tomando um aspecto muito perigoso.

- Mas há vezes em que as flores e as plantas estão infestadas e a pessoa pode não se dar conta. Acaba que a pessoa crê que seu jardim é perfeito para em seguida se dar conta da praga de insetos.

- Creia-me, isso já ocorreu comigo – e prosseguiu com a analogia. – Sofri com ratazanas, insetos e todo tipo de bichos e houve até um momento em que pensei em não voltar a pisar em meu jardim, mas de repente a primavera chegou e tudo voltou a ganhar vida. Assim, como vê, diria que é um bom dia para sorrir.

Suas palavras provocaram a frustração em Garrett, que optou pela prudência e calou-se, o que fez com que ela se sentisse vitoriosa. Era a única coisa boa que tiraria de tudo aquilo.

Suzanne aproveitou o momento para relaxar a tensão e distraí-los um pouco, porque aquilo não estava saindo nada bem e qualquer um deles poderia explodir.

- Camile, amiga, certamente terá recebido o convite do senhor Anthony Steel para o sábado. Irá? - Apressou-se em perguntar.

- Sim, já está tudo preparado para isso, embora deva admitir que o convite causou controvérsia na família Doyle – centrou sua atenção nela.

- Como em todas – exclamou. – Estive em dúvida uma semana inteira e até três vezes, três vezes, perguntei a Frederick.

- Por quê? – Garrett então perguntou. Sua irmã mexeu a cabeça.

- Querido, parece alheio a tudo, não lembra que falamos sobre isso?

- Pois, não.

- Ai, você sempre pensando em suas coisas. Enfim… resulta que vem dos Estados Unidos e o cavalheiro, para chamá-lo de alguma forma, pois isso ainda está pendente de se comprovar, organizou um baile de máscaras. Embora isso não seja nada excepcional, ainda que pouco frequente, mas juntando sua reputação de… misterioso, não ajuda muito as famílias respeitáveis a se decidir.

- Cavalheiro que ainda está pendente de comprovação? – Repetiu suas mesmas palavras. – Misterioso? – Zombou. – Acaso é um feiticeiro ou algo assim? Não creio que acredite em contos de fada em sua idade.

- Não seja idiota – recriminou-o. – Todo mundo sabe que seu avô era marquês e que possui uma grande fortuna, mas se temos dúvidas sobre sua pessoa tem a ver com seu extravagante comportamento e as notícias que circulam sobre ele – Camile assentiu com a cabeça, mas não quis intervir. – Porque parece que fez fortuna de maneira não muito… aceitável. Segundo a informação que nos chegou, importava e exportava bens sem pagar as tarifas.

- Acho isso pouco provável, - argumentou – se fosse dessa forma as autoridades não o teriam deixado estabelecer-se na Inglaterra.

- Um pouco de dinheiro faz milagres – assegurou.

- Que possa subornar algum agente, não direi que não, mas toda estrutura governamental…

- É um iludido e um idealista – disse com ar de presunção.

- Assim espero – embora ele não estivesse tão seguro. Ele mesmo e seus companheiros haviam lutado em Malta contra o contrabando, sabia que existia, mas as autoridades inglesas

lutavam com afinco para combatê-la. Preferia não teimar sobre isso. – E, apesar disso, quer ir?

A resposta nunca chegou a ser formulada porque nesse momento a carruagem se deteve diante da casa de tijolos da família Doyle e os criados apareceram carregados de guarda-chuvas.

- Tenho que ir – murmurou Camile agradecida por poder escapar. – Muito obrigada por ter me trazido até em casa... e por salvar-me da chuva – concluiu.

- Foi um prazer, não é, Garrett? Fitou-o com ar inocente.

- É claro – foi o único que pode dizer sem amaldiçoar Suzanne.

Camile não perdeu tempo em escapar dos irmãos e desceu os degraus da carruagem a uma velocidade imprópria para uma senhorita. Por sorte, podia colocar a culpa na chuva.

- Podia ter sido um pouco mais amável com ela – recriminou-o tão logo a portinhola se fechou. Garrett só respondeu com um grunhido, fechou os olhos e tentou dormir durante o trajeto de regresso à casa, enquanto sua irmã seguia ralhando com ele por seu comportamento.

Capítulo III

O ambiente festivo impregnava os salões da majestosa mansão e se estendia até os jardins. Tudo havia sido decorado com esmero e sofisticação, em um cenário que recordava um espetáculo veneziano: os quadros e as tapeçarias com estampas típicas do Renascimento, a música e até a comida transladavam a outra época, onde a festiva suntuosidade não parecia ter fim.

Toda Londres havia-se reunido naquela festa e, embora não houvesse unanimidade acerca do anfitrião, ao final ninguém havia podido resistir a conhecê-lo. Sua primeira impressão havia sido boa, mas os preconceitos seguiam sendo mais fortes.

Os convidados dirigiam olhares furtivos ao gorducho homem no alto da escadaria e murmuravam entre si. De sua posição, podia estar ciente de tudo, mas seu lugar deveria ser junto à sua esposa, recebendo os convidados, tarefa que ela havia reservado só para ela.

Segurou o braço de lord Gibson e junto com a família Doyle percorreram os cômodos para não perder nenhum detalhe. Para essa noite, havia escolhido um vestido estampado de cor lavanda, um pouco mais escuro na parte de cima do que na saia e com um bordado no decote. Além disso, usava uma máscara combinando. Seu acompanhante, em troca, embora tivesse chegado com uma, parecia incômodo com a ideia do anonimato e preferia levá-la na mão. Camile pensou que era um exagero, uma espécie de brincadeira, mas ele parecia muito sério sobre isso.

- Nunca havia participado de uma festa com tanta opulência – comentou para Cassandra, irmã de Deirdre.

- Parece ser que Anthony Steel não economizou.

- Nota-se que quer demonstrar sua riqueza – comentou Jeremy com certo desprezo em sua voz.

- De que valerá tanta fortuna quando morram se não têm a

quem deixá-la? – Opinou Sharon enquanto se abanava.

- Conheço alguém, que conhece alguém, que os conheceu na América e me contou que os senhores Steel têm um filho com quem não falam – todos se surpreenderam ante a revelação do conde de Millent.

Nesse instante, Camile teve uma sensação diferente, que não soube definir, e deixou de escutar a conversa. Voltou-se, porque notava que a observavam. Uma bobagem, disse a si, mas, apesar da multidão, deu-se conta de que um homem não tirava os olhos dela. A penugem da nuca se lhe eriçou e sentiu um calafrio. Não soube porque, mas havia algo estranho nele e na forma com que a fitava.

Era alto e vestia um traje de noite escuro, como a maioria dos convidados, mas a máscara negra dava-lhe um ar perigosamente misterioso e estava fitando-a fixamente. A ela em particular, porquê? Havia tirado a máscara durante a conversa, portanto não podia confundi-la com outra, seu rosto era feio como sempre foi, então, porque devia estar vigiando-a?

Notou que se apoiava numa bengala e por um momento pensou que era um velho, mas logo descartou a ideia. Não parecia um homem mais velho. Isso aumentou o mistério e esteve tentada a se aproximar, mas, por sorte, se refreou.

- "Desde quando é tão intrépida?" – Se disse e imediatamente se sentiu ridícula. – "Vai conseguir que pensem que é uma sem vergonha."

Decidiu que já era velha para esse tipo de flerte e ia se voltar quando o homem da máscara esboçou um sorriso zombeteiro, virou sobre seus calcanhares e desapareceu entre a multidão.

Ficou petrificada pelo que acabava de ocorrer e se deu conta de que devia conhece-lo. Por qual outra razão iria se comportar assim?

- Camile, está bem? – Perguntou-lhe lord Gibson nesse momento.

- Eh... sim. Parece que vi um conhecido – desculpou-se. Tentou esquecer aquilo e se concentrou na conversa que se mantinha sobre a família Steel.

Apesar de seus esforços para aproveitar a festa, sua mente

parecia se concentrar na lembrança daquele desconhecido e tudo o que a rodeava parecia carecer de importância. Começou a ficar nervosa e pensou seriamente em ir para casa e dormir, mas não queria estragar a noite das demais. Havia ocorrido muitas coisas nos últimos tempos e agora compreendia que deveria ter ficado em Surrey junto a seus pais. Pelo menos ali só a perseguiria o tormento de Garrett.

Agora devia lidar com sua presença, a recém descoberta verdade, a negativa de Jeremy em aceitar sua decisão e o homem enigmático.

Deirdre pareceu se dar conta de sua desconcentração e ambas se afastaram um pouco de sua família, sentando-se em umas cadeiras vazias junto às janelas.

- Está um pouco distraída esta noite – comentou com voz baixa para que só ela a escutasse. As pessoas circulavam a seu redor e preferiria que não soubessem de seus assuntos.

- Você acha? – Fitou-a com curiosidade. – Pensei que a tratasse como sempre.

- Comigo não – esclareceu. – Refiro-me a... - indicou com um ligeiro movimento de cabeça o cavalheiro que há um instante estava a seu lado.

- Oh! Pode ser – admitiu para sua amiga.

- Ultimamente não sei o que ocorre com você, não estava considerando a ideia que você e ele...? Compreende.

- Ontem falei com ele e disse-lhe que não era possível – recordou a conversa e o quanto que havia lhe custado ser sincera. Era difícil dar-lhe um fora, embora soubesse com certeza que ele não a amava, que não era mais que uma ideia prática, porque já haviam rompido o coração do duque... justo no dia de seu casamento. – Sinto não ter comentado antes.

- Por que essa mudança? – Quis saber. – É por...? – Não terminou a frase pois ambas sabiam a quem estava se referindo.

- Sim – assentiu. Sempre se reduzia ao mesmo. – Cada vez me convenço mais de que não poderei jamais esquecê-lo.

- Apesar do que lhe fez? Não merece que chore por ele – disse num arrebato.

- Eu sei, eu sei, mas não posso evitar me sentir assim. Cada vez que tento aceitá-lo e seguir adiante, volto a tê-lo na minha frente.

- Talvez na próxima ocasião possa dar-lhe uma bofetada. Estou segura de que o que necessita é soltar a raiva acumulada – Deirdre não era partidária da violência, mas Garrett Bishop a merecia, Deus, como a merecia!

- Mas o que eu quero é beijá-lo – murmurou, triste. – Por quê, por quê sou tão fraca?

- Porque está apaixonada – era simples assim e complicado ao mesmo tempo.

- Se visse, amiga, como se comportou na segunda… é muito cínico… Zombou de mim por tentar refazer minha vida e insinuou que Jeremy talvez não fosse algo novo. Como se ele não tivesse conhecido primeiro a outra!

- Não sei, seu comportamento é realmente estranho – disse – e não é que queira defendê-lo.

- Que quer dizer?

- Rompeu o compromisso, não? Supostamente anda apaixonado por outra, mas, você a viu?

- Não, embora não acredite que seja estranho. Talvez a tenha conhecido em Malta ou algo assim – não queria pensar muito nisso, porque a magoava.

- E não quereria apresentá-la à família?

- Talvez já a conheçam – encolheu os ombros, como tirando-lhe a importância.

- Então não entendo por que Suzanne continua tratando-a tão amigavelmente. Você se deu conta de que, desde que regressou a Londres, tem-se encontrado com ela em diversas ocasiões e sou testemunha do quão afetuosa e carinhosa segue sendo com você?

- Gosta de mim – respondeu sem querer aprofundar o assunto.

- Quem gosta de você? – Perguntou lord Jeremy Gibson aproximando-se nesse momento delas.

- Não tem importância – dedicou-lhe um sorriso. - Queria algo?

- Pensei que poderíamos dar uma volta pelo jardim.

- Oh! – Hesitou por alguns instantes. – Não sei.

- Pode sossegar seus temores – esboçou um sorriso e se formou uma covinha em seu queixo. Seu rosto não era tão atraente como o de seu ex-noivo, pelo menos a ela não lhe parecia, mas, sem dúvida alguma, possuía uma boa aparência. – Pedi permissão a lord Doyle e depois de escutar suas lições sobre a decência e a virtude, prometi-lhe comportar-me como um completo cavalheiro. – Admitiu com orgulho. – Mas é claro, lady Deirdre, se deseja nos acompanhar…

Ela não soube o que fazer. Olhou para sua amiga em busca de um sinal que a ajudasse a se decidir e Camile assentiu, fazendo-a compreender que podia lidar com isso sozinha.

- Creio que regressarei com os demais – murmurou finalmente. Estranhava que o cavalheiro não se separasse dela, quando havia lhe confessado finalmente que não podia haver nada entre os dois.

Quando ficaram a sós ele lhe ofereceu o braço e saíram em busca de um pouco de ar fresco.

- Tudo isto pode parecer um pouco assombroso – comentou mostrando o povo. Havia tanta aglomeração no terraço e no jardim como nos salões.

- Mmm – não sentia vontade de falar, de contar-lhe suas preocupações, e deixou que a responsabilidade pela conversa recaísse sobre ele.

Sua mente parecia estar muito longe dali e esperava pelo menos que o passeio fosse agradável.

- Gostaria que aproveitasse um pouco mais a ocasião. Já que decidiu vir… - comentou Suzanne sem querer criticá-lo.

Que Garrett decidisse vir à festa era um feito para se comemorar e ainda não se recuperara da surpresa. No entanto, não se atrevia a perguntar o motivo de sua decisão, porque tinha a esperança de que fosse para recuperar Camile e não queria ter uma decepção. Entretanto, seu comportamento não dava mostras disso, pois somente havia se separado deles em uma ocasião.

Antes disso, havia falado seriamente com ele sobre a moça e

lhe havia pedido que controlasse seu comportamento, pois a única coisa que conseguia era confundi-la e ainda aumentar o mal humor dele. Isso não queria dizer que lhe negasse uma saudação, só que contivesse a euforia, afinal de contas nunca seriam uma família.

Suzanne reconhecia que ainda não havia aceitado o fato de que já não estavam unidos, mas entendia a postura de seu irmão e a última coisa que queria era causar mais mágoas a Camile. Entretanto, depois anunciou que iria à festa e uma nova esperança renasceu nela.

- Deixe seu irmão em paz – murmurou-lhe seu esposo na orelha. – Que tenha vindo já é uma conquista em si – era melhor isso que ficar trancado em casa.

Garrett não pode ouvir o que seu cunhado lhe dizia, embora fosse deduzível. Não culpava sua irmã por querer que aproveitasse bem, mas sentia-se incomodado, fora de lugar e estava se perguntando o que fazia ali.

Se fosse sincero consigo mesmo, reconheceria que era por Camile: uma parte dele sentia curiosidade por saber se iria acompanhada por esse lorde, mas então esta se transformava em inveja insana e lhe dava vontade de dar-lhe uma surra. Estava seguro de que, com a perna lesionada e tudo, poderia ganhar a esse duque saído do nada, embora então Camile viesse a odiá-lo ainda mais, se isso ainda fosse possível, e acabaria regressando para casa com o rabo entre as pernas.

Suas opções eram escassas, ela já havia saído de sua vida e dificilmente poderia recuperá-la. Se agora lhe contasse sobre a perna, certamente não serviria de nada.

Confuso, pensou em que fazer. Deixar tudo como estava e esperar que Camile chegasse a alcançar uma vida plena? Intervir e ficar como um idiota? Era arriscado, mas talvez tivesse uma pequena oportunidade. Essa era outra razão pela qual havia decidido ir essa noite.

Arrependia-se de tê-la deixado. Disso tinha certeza.

Esteve observando-a um bom tempo. Viu-a falar, rir… não parecia muito triste por seu abandono, embora o que mais doesse era vê-la com esse homem, porque imediatamente deu-

se conta de quem era, pela forma de tratá-la.

Sentiu raiva.

Então ela se voltou e o fitou diretamente. Engoliu em seco, esperando que não o reconhecesse, porque seu moderado otimismo e a valentia haviam se esfumaçado como que por arte de magia. Havia se convertido em um covarde.

- Creio que é hora de ir embora – era o momento de admitir sua derrota, inclusive antes de travar a batalha. Se pudesse mudar as coisas, o faria sem titubear, mas já era muito tarde para isso.

- Tem certeza? – Perguntou-lhe Frederick. – Já que está aqui...

- Estou cansado, creio que hoje me excedi e a perna me dói.

- Pois iremos todos – declarou sua irmã.

- Não tem porque fazê-lo. O cocheiro me levará e mais tarde pode regressar para buscá-los.

- Não, não. Se você vai, vamos todos – afirmou teimosa.

- Mas se não faz nem uma hora que chegamos – protestou Frederick. – Depois de todo esse trabalho? O vestido, os trajes de gala, as máscaras...

- Está bem, entendo-o. Mas Garrett...

- Já é grandinho. Deixe de tratá-lo como uma mãe. Se quer ir, pois que vá.

- Obrigado, Frederick – murmurou dando palmadas nas costas de seu cunhado. Suzanne, sua irmã mais velha, sempre havia sido protetora com ele mas, desde sua lesão na perna, seu comportamento era mais exagerado.

Ela se deu conta de que ambos haviam se unido e lhes sorriu aceitando sua derrota. As coisas nem sempre podiam sair do seu modo. No entanto, o sorriso ficou congelado nos lábios quando se deu conta de quem se aproximava e a pegou de guarda baixa.

Fitou os dois homens que a acompanhavam e observou que os olhos de seu irmão faiscavam. Também havia se dado conta.

- Suzanne – murmurou Camile com o rosto descoberto. Não havia nenhuma hesitação por parte da jovem e era óbvio que se alegrava de encontrá-los entre aquela multidão.

- Camile – respondeu-lhe com aspereza, sem demonstrar seus bons modos. Havia perdido a cordialidade. Se a garota se deu conta, não deu mostras disso.

- Veio com Frederick? – Disse, fitando os dois homens que se mantinham a seu lado. Deu-se conta de que um deles era o indivíduo de bengala que não fazia muito havia estado observando-a e por um instante sentiu que se tratava de Garrett. Descartou a ideia imediatamente, mais porque parecia ser coxo de uma perna, diferentemente de seu ex-noivo.

Tentou dissimular o tremor produzido pela excitação e o medo ao mesmo tempo.

- Eu não esperaria outra coisa – sorriu o citado enquanto tirava a máscara. Não havia nele nem um pouco de acidez no tom de sua voz. – Alegro-me em vê-la, mocinha.

- Igualmente – sussurrou.

- Quem é o cavalheiro que a acompanha? – Perguntou a uma Suzanne com o cenho franzido e cara de poucos amigos.

Camile escrutinou seu rosto, buscando algum sinal que a ajudasse a compreender a surpreendente transformação da amiga, pois da última vez que se encontraram seu comportamento foi muito diferente.

A situação se tornou um pouco tensa. Em outra época havia sido muito próxima deles, no entanto agora não sabia como tratá-los, se como velhas amizades, como conhecidos, ou se ignorá-los, como desconhecidos, mas ela não era assim, não podia culpá-los pelo comportamento de Garrett.

- É lorde Gibson – disse o mascarado enfaticamente e muito seguro de si mesmo. Camile soube imediatamente de quem se tratava, mesmo antes que retirasse a máscara, pois havia reconhecido a voz. – Ao que parece está muito ligado à senhorita Fullerton – explicou ante os presentes.

Estava muito impressionada por encontrar-se diante dele para reagir ante suas palavras, mas não Suzanne, que imediatamente compreendeu o que queria dizer.

Camile olhou para ele fixamente aos olhos castanhos e se chamou de tonta por não ter feito caso dos seus instintos. Ele seguia mantendo a mesma atitude desafiante que no dia da

carruagem.

Seu coração batia descontrolado, sem compostura alguma e a necessidade de apresentações formais pareceu apagar-se da sua memória.

O duque, que até o momento havia permanecido impávido porque eram pessoas estranhas e não queria intrometer-se, sentiu a hostilidade para com a moça e isso era algo que não iria permitir.

- De fato... - foi a única coisa que pode dizer antes que Garrett o interrompesse insolentemente. Era uma total grosseria.

- Esta noite já vi tudo que havia para ver, então nada mais me resta que acrescentar um "boa noite" – fez uma leve inclinação com a cabeça, algo brusca e girou sobre seus calcanhares.

Camile não pode evitar perceber seu coxear enquanto se afastava e se perguntou se seria uma teatralização ou se realmente havia machucado a perna.

- Como pôde? – Suzanne murmurou incisivamente quando seu irmão estava demasiadamente longe para ouvi-la.

- Ei! – A jovem soube claramente que se referia a ela, pois estava fitando-a, mas não entendia o que queria dizer.

- Subestimei-a, agora reconheço como é hábil. Certamente trocar Garrett por um duque tem seus benefícios – Camile ficou boquiaberta ante tal acusação.

- Gostaria de recordá-la que foi seu irmão quem me deixou – respondeu aborrecida pela situação e sem querer dar mais explicações. Talvez tivesse decidido manter com Jeremy uma simples amizade, mas o que isso importava agora?

- E pelo que parece não demorou muito em substitui-lo – provocou-a.

- Desculpe – intercedeu lorde Gibson com desgosto. – Quem lhe dá o direito... - foi interrompido pela segunda vez.

- É uma hipócrita – Camille soltou furiosa – e não sabia que media com diferentes medidas – elevou a voz. – Acaso não condena como seu irmão agiu?

- É claro que sim! Mil vezes o fiz saber disso – confessou. –

Estava do seu lado, mas agora…

- Agora o quê? – Quis saber sem importar-se que as pessoas ao seu redor estivessem fitando-os sem nenhum tipo de dissimulação. – Procedi com muita elegância e decoro ante o abandono de Garrett e se agora decidi olhar para o futuro e refazer minha vida, tenho todo o direito do mundo e nem você nem ninguém pode me julgar.

- Então reconhece que o enganou – investiu contra ela.

- Senhoras – Frederick tentou apaziguar as duas mulheres. Estavam convertendo-se no centro de atenção e aquilo não era bom para nenhuma das duas. A discussão era como um imã para os curiosos.

Fez um gesto com a mão para que moderassem o tom, mas não lhe fizeram o mínimo caso.

- É claro que não! Sempre fui fiel, mas o compromisso foi rompido. Que mais lhe interessa o que faço agora?

- E eu que acreditava que o amava! – Exclamou. – É uma maldita mentirosa.

O ambiente estava exaltado, mas ninguém esperava o que aconteceu em seguida: Camile já não pode conter a raiva e deu um sonoro bofetão em Suzanne Anderson.

Ouviram-se alguns gemidos abafados e os acompanhantes de ambas tiveram que apartá-las para que não se machucassem.

- Isto termina aqui e agora. Foram demasiado longe. E você – disse referindo-se a sua esposa – deixe de se meter em assuntos alheios.

- Mas você não vê? – Queixou-se. – Garrett sofrendo e ela… ela… - balbuciou.

- Ela nada – lorde Gibson tratou de encerrar o assunto. Era óbvio que as duas partes nunca chegariam a se pôr de acordo, mas não podia mais admitir a desfaçatez da mulher. Acusar a pobre Camile quando não era mais que uma vítima. – Seu irmão é um canalha que não merece defesa alguma.

- Por que o senhor se mete? – Perguntou-lhe com descaramento.

- Jeremy, deixe estar. Não vale a pena – sentia-se

envergonhada porque ele tivera que presenciar essa cena.

- É claro! – Ironizou. – Não vale a pena discutir por alguém que a amou como ninguém.

- E me trocou por outra, que não se esqueça – aquilo raiava o absurdo.

- Isso não é verdade! – Negou categoricamente.

- Suzanne – advertiu-lhe seu esposo.

- Tem que saber – lançou a ele um olhar suplicante.

- Cedo ou tarde iria saber – encolheu os ombros em um claro sinal de impotência.

Os segredos não podiam ficar ocultos eternamente, Garrett deveria saber e compreender. Talvez fosse o momento adequado para que a verdade saísse à luz e que cada um a enfrentasse como pudesse.

- Exijo saber o que está acontecendo.

- Nunca existiu outra mulher na vida de meu irmão.

- Mas ele me disse... - estava confusa.

- Mentiu.

- Por que faria isso? – Perguntou tentando entender.

- Há alguns meses houve um terrível acidente em seu navio, que lhe causou sequelas.

- Como? – Sua voz se quebrou e os olhos umedeceram. Não sabia o que havia ocorrido, mas o coxear era um indicativo que aquilo não era uma invenção... pelo menos uma parte.

- É por isso que rompeu o noivado de vocês.

- O que tem a ver com isso?

- Vi-me forçada a explicar-lhe a terrível situação pela qual meu irmão passou, mas os fatos e os porquês correspondem a ele contar.

- Se estiver me enganando... - advertiu-a.

- Não estou.

- Porque vou chegar até o fundo nesse assunto – foi uma promessa, porque de uma vez por todas iria saber toda a verdade. – Jeremy, eu... tenho que ir. Não posso mais ficar aqui – começou a tremer e sentiu frio.

- É claro – foi muito compreensivo. – Levarei você para casa.

- Não, não posso... - gaguejou. Não o quero magoar, mas...

- Entendo – percebeu que aquilo era uma despedida e, embora não a amasse, sentiu uma pontada de tristeza. Sabia aonde iria e o que ocorreria depois. Ele voltaria a ficar sozinho.

Deixou-a ir e desejou que pelo menos ela alcançasse a felicidade.

Camile se perdeu entre a multidão, tão rápido quanto pode e com um objetivo em mente: Garrett. Tal era seu afã que nem sequer ouviu como Deirdre a chamava.

Para os amantes dos falatórios, aquela havia sido sua noite. Não havia nada mais estimulante que um duque abandonado, intrigas amorosas e uma fuga. Aquela festa reuniu tudo isso.

A música havia cessado e no dia seguinte as fofocas se espalhariam pela cidade.

- Comportou-se como uma verdadeira harpia – disse Frederick afastando-se de todos.

Tão logo a mocinha havia saído, as pessoas haviam se aproximado deles para lhes fazer perguntas. Incômodos com a situação, tiraram a multidão de cima como puderam.

- Eu sei – admitiu envergonhada. Estava pálida. – Creio que tive um ataque de nervos.

- Essa é sua desculpa?

- Suponho que sim. Tinha muita tensão acumulada. Com o acidente, a dissolução do noivado e tudo mais. Descontei em quem menos merecia.

- Sabe que deve se desculpar.

- Eu sei, mas temo que só isso não será suficiente.

- Camile é uma moça compreensiva. Perdoará – opinou.

- Tomara que esteja certo, mas eu em seu lugar não o faria. As coisas tão terríveis que lhe disse – murmurou arrependida. – Por que tenho que ter essa boca grande? – Frederick não respondeu. – Crê que foi vê-lo?

- Temo que sim.

- Isso demonstra o muito que o ama.

- Só espero que seu irmão também o veja assim.

- E agora, que fazemos? Não podemos voltar para casa, ainda não. Esses dois merecem um pouco de privacidade.

- Pois não temos mais alternativa que dar uma volta pela

cidade. Crê que com uma hora terão tempo suficiente?

- Garrett levou a carruagem – recordou-lhe.

- Alugaremos uma – disse de forma prática. Embora esse passeio lhes custasse uma fortuna, valeria muito a pena se com isso se conseguisse algo bom. – Sabe, no final seria irônico que graças a você... fora de controle, para falar de uma forma sutil, se reconciliassem. Talvez inclusive eles devam lhe agradecer.

- Está brincando? – Deu-lhe um olhar fulminante.

- Claro que não. Se esta noite o idiota de seu irmão der um passo à frente será graças a você.

- Só você poderia ver algo positivo dessa tremenda confusão.

- Que quer que diga? Alguém deve acrescentar um pouco de sensatez a esta família – sorriu zombeteiro apesar das circunstâncias.

- Diverte-se?

- Faz muito tempo que não desfrutava de um espetáculo tão bom – deu-lhe uma piscada.

- Não posso acreditar...

- Pois faça-o, embora eu espere que não se repita.... Pelo menos em dez anos.

O tormento é um mal companheiro de viagem, segue-o aonde vá, não se afasta da pessoa nem um só instante e o recorda constantemente de seus pecados.

Essa era sua pena e suas ações o perseguiriam até o final dos dias.

Só lhe restava reprovar sua conduta, pois havia sido muito injusto com a única mulher a quem havia amado; e a havia perdido, definitivamente.

Agora esperava ser capaz de seguir com valentia sem ter que fazer uma cena cada vez que se encontrassem por casualidade, embora, muito temesse que, no dia em que contraíssem matrimônio, teria que beber todas as garrafas de licor que encontrasse, para evitar declarar-se contra na igreja e cair em ridículo.

- Senhor.

- Voltou-se surpreendido. Não havia ouvido a porta.

- O que ocorre?

- A senhorita Fullerton pede para vê-lo. Já lhe disse que a esta hora…

- Que quer, esfregar-me na cara? – Disse elevando a voz.

- Pelo contrário – interrompeu os dois homens e entrou na biblioteca sem esperar ser convidada. – Creio que devemos conversar.

- Não quero ouvir nada do que queira me dizer – mas fez um discreto gesto ao criado para que se retirasse.

- É uma pena, porque não terá outro remédio. Além disso, não sairei antes de saber tudo sobre o acidente.

- Como sabe…? – Começou a perguntar sobressaltado. – Suzanne… - compreendeu de repente.

- Sim, sua irmã – se aproximou mais dele e permaneceu de pé. – Mas se não tivesse sido ela teria descoberto de outra maneira. Aliás, esta noite percebi você coxear. Conte-me – suplicou-lhe.

- Que posso contar? – Resmungou aborrecido. Desta vez lhe contaria a verdade, embora soubesse que isso não conseguiria trazê-la de volta a seu lado. – Estávamos atracados no porto de Grand Harbour, em La Valeta. Eu era o oficial no comando e estava de serviço. Então apareceu um par de bêbados com uma grande carreta cheia de barris. Faziam barulho e alvoroço, então ordenei a um dos meus homens que lhes mandasse abandonar o lugar, mas eles se negaram e começaram a procurar briga. Desci com mais alguns de meus homens para tratar de acalmá-los, mas estavam tão bêbados que era impossível controlá-los; inclusive impediam que afastássemos seu carregamento. Ante tal estado de beligerância decidi prendê-los, para que as autoridades portuárias se ocupassem deles, mas entre empurrões à carreta e a força que eles demonstravam ter, a roda da carreta ficou presa em uma pedra de calçamento, partindo-se – deteve-se para tomar ar. – Não recordo mais a partir daí. Isto me contaram depois, mas, ao que parece, essa carroça era tão velha que não aguentou o peso da carga e…

- Caiu em cima de você – terminou ela por ele. Só de pensar na dor que deve ter sentido ficava tonta.

- Exato. Quando despertei me encontrava em um hospital militar, em Malta. A dor nas pernas era horrorosa, sobretudo na direita. Cada médico que passava franzia o cenho e balançava a cabeça com pesar. Convenceram-me de que não havia salvação para nenhuma das duas.

- Oh, deus!

- Mas o tempo passou e, contra todos os prognósticos, melhorei. Então me enviaram para Roma. Passei uma boa temporada em outro hospital militar. Minha irmã e meu cunhado vieram me visitar, alguns amigos – desta vez caminhou pela biblioteca sem disfarçar o coxear. – Ver em seus rostos o pesar e a compaixão… Mas que importa o resto, você já fez sua escolha. Agiu tal e como supus que faria – doía-lhe ter que admitir isso.

- Posso entender a impotência e o desnortear – disse ela, em troca. – Sinto-me mal por tudo que teve que passar…, mas custa-me ser indulgente com seu comportamento dos últimos tempos. O que fiz ou deixei de fazer foi motivado pelos montes de mentiras que me disse. Foi grosseiro, ferino e foi razoavelmente perfeito para afastar-me de seu lado.

- Isso já não tem importância.

- Claro que tem, pedaço de tolo. Se tivesse me amado teria chamado e confiado em mim, em meu amor, igual ao que lhe professa sua família. Eu teria ficado ali com você. Teria corrido, não, – corrigiu-se – voado, para ficar a seu lado.

- Lamento – agora, a enormidade de seu erro parecia espantoso. – Só posso dizer que o fiz para seu bem – se absteve de dizer que a havia amado e que ainda o fazia. Só serviria para se humilhar mais.

- Deus me salve dos homens que fazem as coisas pelo bem das mulheres, pois são capazes de cometer barbaridades por isso.

- Por que está tão aborrecida? Seguiu adiante, segundo me disse; e agora deve estar feliz porque vai se casar com outro homem que além do mais é um Duque…

- Não vou casar-me – interrompeu-o furiosa.

- Q… quê? Não sabia se havia entendido bem e não queria se iludir, embora seu coração batesse descontrolado.

- O que ouviu. Por sua forma de se comportar comigo não merece esta explicação, mas de qualquer forma vou dá-la. Estava aborrecida com você, magoada e furiosa, então mudei a verdade para magoá-lo – sentou-se, porque de repente suas pernas não a sustentavam; estava esgotada.

Contou-lhe tudo entre o duque e ela sem omitir o pedido de mão e a recusa por sua parte. Também explicou a discussão que havia tido com Suzanne no baile. Não estava tão segura de querer expor seus sentimentos para ele. Antes devia comprovar se ainda sentia algo por ela.

- Uau – sussurrou Garrett.

- É bom saber que tudo isso lhe parece divertido – comentou sarcástica.

Camile não entendia nada e Garrett se alegrou por isso.

- Não se trata disso. Tudo é devido ao alívio.

- Alívio? Que quer…?

- Amo-a – soltou de forma brusca, mas não podia mais escondê-lo.

Ela ficou olhando-o surpresa, mas não disse nada.

- Pensava que seria capaz de aguentar com dignidade, mas me equivoquei – sentou-se a seu lado, segurando suas mãos geladas. – Os ciúmes apareceram de repente e me asfixiaram. Queria-a para mim e lamentei profundamente meu modo de agir. Sinto tanto… Agora sei que deveria ter perguntado.

- Deveria – confirmou Camile.

- Eu sei. Que teria respondido se ao regressar tivesse pedido que se casasse comigo, com um aleijado? Atreveu-se a perguntar. Nunca mais queria se ver roído pela dúvida.

- Não é um aleijado; só manca – protestou ela em sua defesa.

- Responda – instou.

- Teria respondido o mesmo que se estivesse coxo, paralítico, cego, surdo ou manco; – fitou-o com o coração na mão. – Sim.

Essa simples palavra inchou-lhe o coração.

- Ama-me – não era uma pergunta.

- Com todo meu coração – Camile nunca havia sido tão sincera.

Garrett a ergueu e rodeou fortemente com seus braços.

- Não mais do que eu te amo – beijou-a docemente. – É o amor da minha vida.

- Embora seja feia – apontou.

- Não sabe? As feias também nos conquistam.

Ambos riram felizes. Garrett se aproximou da porta com ela e a fechou com chave. Havia demonstrações de afeto que era melhor manter em privado.

Londres 1870

"Querida Deirdre:

Escrevo para lhe dar uma maravilhosa notícia... Estou grávida!

Devo dizer que meu estado não é muito avançado, mas não estou me sentindo muito bem, já sabe... as náuseas; até há pouco tempo não pudemos mudar para Londres, não me sentia com coragem suficiente. Garrett tem ficado ao meu lado todo o tempo, dando-me ânimo e mimos. Adoro-o! Por isso, de momento, prefiro não fazer uma viagem longa.

Pelo teor de humor que desprendem suas cartas, hesito em lhe explicar como é feliz minha vida, mas insiste tanto que o farei.

Jamais sonhei com tanta felicidade. A vida junto ao meu marido é pura plenitude e, agora que aumentaremos a família, ainda mais. Não imagina como estou contente. Além do mais, sua perna melhorou e só utiliza a bengala a partir da tarde. E, também, sente quando o tempo vai piorar antes que qualquer um.

Quanto à sua situação, não sei o que dizer. Tão ruim é o seu marido? Está claro que seu pai nunca teve que forçá-la a esse casamento, se não o tivesse desejado. Talvez você devesse encontrar algo que tenham em comum e começar por aí.

É uma mulher forte, já sabe. Seja você mesma, assim certamente caíra rendido a seus pés. Não duvide de si.

Envio um forte abraço, Camile